



Associação Executiva de Apoio à Gestão
de Bacias Hidrográficas Peixe Vivo

AJUDA MEMÓRIA DE REUNIÃO

OBJETO:

Reunião GAT/CBHSF (Grupo de Acompanhamento Técnico) e NEMUS - Plano Diretor de Recursos Hídricos da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. Conjunta CTPPP.

Reunião nº: 08/2015		Próxima Reunião:		Obs.:
Data:	17/09/2015	Data:	23/10/2015	
Horário:	09h	Horário:	integral	
Local:	Sede AGB PV	Local:	Salvador/BA	

Participantes:

Nome (GAT)	Instituição	Nome (CTPPP)	Instituição
Gonzalo Fernandez	ANA	José George	SEMA BA
Regina Greco	CCR Alto e CTPPP	Johann Gnalinger	IRPAA
Ednaldo Campos	CCR Médio	Daniela Gurgel	CHESF
Luiz Alberto Dourado	CCR Submédio	João Machado Gonçalves	AFAF
José Roberto Valois Lobo	CCR Baixo	Flávia Simões	ANA
Patrícia Helena G. Boson	CTPPP	Jorge Izidro dos Santos	Secretário GAT e CTPPP
Ana Catarina P. A. Lopes	CTPPP	Convidados/Visitantes/Apoio: Alberto Simon (AGB PV) Ana Cristina da Silveira (AGB PV) Rúbia Mansur (AGB PV) Rodolpho Ramina (Consultor) Mateus Giffoni (NEMUS) Pedro Bettencourt (NEMUS) Wilton Mercês (Yayá Comunicaçã)	
Yvonilde Medeiros	Representando DIREX		
Edison Ribeiro Santos	SEMA BA		
Ailton Rocha	p/ SEMARH SE e CTPPP		
Athadeu Ferreira da Silva	CODEVASF		

ASSUNTO	AÇÃO
Itens de pauta: 1) 8ª reunião para Discussão do Plano Diretor de Recursos Hídricos da Bacia do Rio São Francisco - 5ª Reunião do GAT (Grupo de Acompanhamento Técnico do CBHSF). Conjunta com CTPPP.	- Abertura com verificação do quórum (atingido) - Alberto Simon, diretor técnico da AGB Peixe Vivo explana sobre o andamento da atualização do PRH-SF. Fala sobre o encontro dos pesquisadores da bacia, promovido pelo CBHSF em Salvador nos dias 03 e 04 de setembro de 2015. Informa que o presidente do CBHSF, Anivaldo Miranda, externou uma preocupação em que ainda não haviam sido abordadas algumas problemáticas importantes da bacia, neste sentido solicitou que Rodolfo Ramina, consultor contratado pelo comitê, estivesse presente na reunião do GAT para apresentar uma concepção de uma estratégia robusta para a gestão dos usos múltiplos das águas na bacia hidrográfica do rio São Francisco. - Rodolpho Ramina diz que foi contratado para prestar consultoria e assessoria presencial especializada para estudos das vazões reduzidas em caráter emergencial no rio SF a partir da UHE Sobradinho e propor alternativas que garantam o uso múltiplo das águas. Apresenta a estratégia robusta, seus cenários e ações de curto (diretrizes para a definição de regras operacionais), médio (diretrizes para o plano de recursos hídricos da bacia do SF) e longo (diretrizes para o

desenvolvimento de estudos estratégico) prazo. Fala que o problema é de nível e não de vazão. Faz algumas recomendações:

1ª – Inclusão do Pacto das Águas na atualização do Plano (definição de condições de entrega das bacias contribuintes – vazões mínimas e máximas, parâmetros de qualidade, etc.) Diz que há falta de controle das outorgas.

2ª – Cenários de referência para os usos múltiplos no rio São Francisco. As restrições de operação não são respeitadas. Não existem regras de operação. Problema político e não técnico. O plano pode abordar uma nova divisão de queda na bacia.

- Após apresentação, todos os membros do GAT e CTPPP fizeram suas considerações e citaram temas importantes a serem abordados.

- Patrícia Boson alerta no cuidado que se deve ter para não “demonizar” certos usos. Fala que se deve fazer um estudo econômico de todas as partes.
- Daniela Gurgel explica da necessidade da redução de vazão. A mesma se comprometeu em ler os relatórios do Ramina, e prestar maiores esclarecimentos, caso sejam necessários.
- Ednaldo Campos cita a falha de gestão dos Estados e da captação da água subterrânea sem controle
- Jorge Izidro solicita maiores esclarecimentos sobre as lagoas marginais e entrega a Pedro Bettencourt o Plano do Agreste
- Ailton Rocha fala da necessidade de reavaliação dos sistemas de outorgas, monitoramento e controle. Para avaliação, deve se analisar a bacia como um todo, e não apenas a calha. Fala que no relatório da NEMUS poderia ter sido citada a cunha salina. Reitera a necessidade de colocar a gestão de Recursos Hídricos na agenda política e a importância da construção do pacto das águas.
- George fala sobre os estudos da ANA sobre o Aquífero Bambuí.
- Yvonilde diz que o trabalho do Ramina é um passo inicial para provocar as discussões. Fala sobre a questão de alocação das águas.
- Roberto Lobo cita o estudo do professor Molion, que aborda a vazão média do SF. Fala da grande evaporação, diminuição da água do SF e questões relacionadas aos barramentos.
- Ana Catarina diz que o problema é questão de governança, pois ninguém respeita o que está decidido e pactuado. Fala o estudo do Molion é uma fonte importante na atualização do plano.
- Luiz Dourado relata a situação de quem está a jusante de Sobradinho. Cita que os problemas estão nas outorgas (devem dialogar com o plano). Fala que a ONS nunca teve plano de contingência para seca e não levou em conta a transposição. Diz ainda que Estados e União não respeitam a Lei 9.433/97.
- Johann fala que a bacia do rio São Francisco está vivendo consequências de decisões políticas. Explana sobre a experiência da Áustria com a produção de energia. Diz ainda que deve ter o pacto democrático das águas – deve se democratizar a água.
- Edison Ribeiro fala sobre a questão dos assoreamentos.
- Gonzalo Fernandez diz que deve se atentar para a questão legal da

gestão das águas. Fala sobre as outorgas de reservatórios.

- Athadeu Ferreira informa que na CODEVASF foi criando um grupo de trabalho que irá debruçar sobre a atualização do plano. Fala ainda que o problema da crise hídrica foi de gestão e de reservação de água. A atuação para a solução da crise deve ser junto com os afluentes. Diz que o plano deve retomar a discussão sobre os barramentos no alto SF. Fala do Plano Nacional de Segurança Hídrica. Devem-se identificar os políticos que carreguem a “bandeira” de Recursos Hídricos. Cita o deputado Otto Alencar.

- Pedro Bettencourt fala sobre o Workshop que será realizado em Brasília em 22 de setembro. Após esse evento a empresa NEMUS fecha o diagnóstico. Neste sentido sugere não apresentar a inclusão das contribuições ao RP2, para integrar os resultados dos debates desse workshop. Informa que ao final de setembro o RP2 estará pronto.

- Alberto completa dizendo que o objetivo desse workshop extrapola o próprio comitê. É uma chance de aprimorar o RP2. Pede que o Pedro Bettencourt faça um check list das incorporações e apresentar na próxima reunião conjunta do GAT e CTPPP.

- Pedro Bettencourt faz a apresentação do RP3 – Cenários de desenvolvimento e prognóstico, cujo objetivo foi construir um conjunto de cenários alternativos de demandas consultivas de águas para os principais setores: agropecuária, indústria, abastecimento urbano, abastecimento rural e transposição, de forma a subsidiar a compatibilização do balanço hídrico com os cenários estudados. Horizonte: 2025 e 2035.

Cita dados do Plano Nacional de Recursos Hídricos (2006), Plano Decenal e a situação atual. Fala da abordagem metodológica (método prospectivo para construção de cenários).

Apresenta a construção de três cenários: cenário tendencial (base), cenário mais favorável face o tendencial e cenário menos favorável face o tendencial. Mostra as projeções e prognósticos de outros estudos, as sínteses dos cenários de referência, as incertezas do desenvolvimento e ordenamento do território, dinâmicas econômicas e sociais, ambiente e recursos hídricos. Fala que em relação as demandas futuras de água, foram construídos três cenários para médio (2025) e longo (2035) prazo para agropecuária, indústria, abastecimento urbano, abastecimento rural e transposição. Os cenários são: B (Base, tendencial); A (menor pressão quantitativa sobre os recursos hídricos, face ao cenário B) e C (maior pressão quantitativa sobre os recursos hídricos face ao cenário B). Apresenta a demanda total, projeção da vazão a retirar da bacia hidrográfica do rio São Francisco e também sobre a variabilidade e mudanças climáticas. Diz que foram utilizados 21 modelos globais, mas há uma ausência de consenso quanto ao sinal das anomalias dos percentuais de precipitação (em relação às tendências médias anuais). Finaliza apresentando as conclusões de cada cenário.

- Após apresentação, membros do GAT e CTPPP fizeram suas

considerações e citaram temas importantes a serem abordados.

- Patrícia Boson diz que o que foi apresentado foram tendências da nossa realidade de recursos hídricos e não cenários. Deve ser considerado um cenário sistêmico e não apenas sob a demanda de água.
- Gonzalo concorda com a fala da Patrícia e diz que deve haver uma inter-relação entre os diversos componentes do modelo (tipos de uso, etc). Os cenários devem ser manipuláveis.
- Roberto Lobo observa que em relação a transposição. Pede atenção ao limite de capacidade do rio.
- Yvonilde explica que cenário de demanda é diferente de cenário de alocação. O que foi apresentado pela empresa foram os cenários de demanda.
- Ramina contribui dizendo que concorda com a metodologia da NEMUS com ajuste de alguns dados – melhorar as informações. Fala que não existe regra de alocação de água para transposição. Sugere uma política de alocação
- Dourado completa dizendo que os cenários pessimistas devem constar.
- Ailton Rocha diz que o trabalho está bom, porém contem dados equivocados. Pede para reavaliar os dados do baixo São Francisco considerando os Planos Estaduais de Recursos Hídricos de Sergipe e Alagoas
- Johann diz que o primeiro cenário deveria ser se “continuarmos como estamos”. Cria cenários economicamente viáveis e cenários sustentáveis.

Pedro Bettencourt presta esclarecimentos e fala do objetivo da construção desses cenários (cenários de demanda), e que pode haver erros. Informa que nos apêndices tem toda a memória de cálculo por subbacia. Pede que para quem tenha dados e conhecimento sobre as bacias ajude a verificar o que pode estar errado.

- Os membros do GAT e CTPPP continuaram com suas considerações.

- Roberto Lobo fala que 2015 não deve entrar em cenário nenhum. Expõe gráfico de vazões da bacia. Que no plano conste a vazão máxima de alocação de água
- Ana Catarina pede um tempo para avaliação dos apêndices. Não concorda com alguns dados. Cita projetos já em execução em Sergipe. Questiona o resultado final da análise que pode ter erro, ou não.
- Dourado fala que não foi citado a questão política. A qualidade da água também deve ser pautada.
- Johann diz que o diagnóstico social e ambiental apareceu muito pouco. Cita a revitalização. Pede que seja incluída a questão da sustentabilidade e que os projetos hidroambientais também não foram citados.
- Patrícia Boson fala da contribuição da indústria para o PIB, que a demanda hídrica caiu. Criação de um modelo institucional para transposição. Fala que prioridade de uso (não está na lei) é diferente de prioridade de outorga para uso (caso do plano). O

plano poderá definir prioridades de outorga.

- Jorge Izidro fala que o plano deve contemplar temas como a convivência com o semiárido. Desenvolvimento sustentável.
- Ailton Rocha se compromete a avaliar os dados da sua região e apresentar sugestões. Não aprova o documento com os dados apresentados.
- José George fala da perda de água no médio São Francisco
- Yvonilde Medeiros diz que primeiro devemos enxergar o futuro para depois discutir. Fala ainda que não se separa o político do técnico.
- Athadeu informa que todos os documentos que a CODEVASF está produzindo, será repassado ao GAT. Fala da situação crítica climática.
- Dourado fala sobre o superdimensionamento de barragens no Salitre

Alberto Simon propõe que a empresa NEMUS reveja os dados apresentados até o dia 30 de setembro para ser encaminhado aos membros do GAT para contribuições de todos.

A próxima reunião do GAT está prevista para o dia 23/10/2015 em Salvador/BA.

A memória da 4ª reunião foi aprovada

A reunião foi encerrada às 18h20m.